

A MULHER NA ÍNDIA ATRAVÉS DOS OLHOS DE BIMALA EM “A CASA E O MUNDO” DE RABINDRANATH TAGORE

Maria Beatriz Pereira Barbosa ¹
Kleber José Fonseca Simões ²

RESUMO: Este presente ensaio tem como objetivo examinar o impacto da colonização britânica na Índia e suas ramificações na vida das mulheres indianas, com foco na obra literária de Rabindranath Tagore, "A Casa e o Mundo". Através da lente da teoria da interseccionalidade, explora-se como as experiências de mulheres como Bimala refletem as complexas interações de gênero, classe, raça e até mesmo a questão do colonialismo. Analisamos a luta de Bimala entre tradição e modernidade, seu papel no movimento Swadeshi e suas conexões com figuras mitológicas. Ao examinar essas questões, destacamos a resistência feminina e as lutas por emancipação que ecoam até os dias atuais na sociedade indiana.

Palavras-chave: Rabindranath Tagore, Interseccionalidade, Colonialismo, Sociedade Indiana, Mulheres Indianas.

ABSTRACT: This present essay aims to examine the impact of British colonization in India and its ramifications on the lives of Indian women, focusing on the literary work of Rabindranath Tagore, “The Home and the World”. Through the lens of intersectionality theory, it explores how the experiences of women like Bimala reflect the complex interactions of gender, class, race, and even the issue of colonialism. We analyze Bimala’s struggle between tradition and modernity, her role in the Swadeshi movement, and her connections with mythological figures. By examining these issues, we highlight female resistance and the struggles for emancipation that echo to this day in Indian society.

Keywords: Rabindranath Tagore, Intersectionality, Colonialism, Indian Society, Indian Women.

INTRODUÇÃO

A colonização britânica na Índia, estabelecida entre os séculos XVIII e XX, moldou profundamente as estruturas sociais, políticas, culturais e de gênero do país. Iniciado com a atuação da Companhia das Índias Orientais e consolidado com o domínio da Coroa Britânica após a Revolta dos Cipaios, em 1857, o imperialismo britânico impôs uma ideia de modernidade europeia que entrou em tensão com as tradições locais. A presença colonial britânica não apenas redefiniu a geopolítica do subcontinente, mas penetrou nas estruturas mais íntimas da vida social, especialmente no que se refere ao papel da mulher, suas atribuições e os espaços que lhe eram permitidos ocupar.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História, UNEB Campus XIV, pereirabarbosa.mariabeatriz@gmail.com

² Prof. Dr. Do Curso de História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XIV na cidade de Conceição do Coité (BA), simoes_kleber@yahoo.com.br

Nesse contexto, a figura feminina indiana foi atravessada por diversas camadas de opressão, entre elas o patriarcado local, os códigos de casta, e as imposições morais e sociais do colonizador. Essa complexidade exige um olhar teórico que abarque as múltiplas formas de subalternidade às quais essas mulheres estavam sujeitas. É nesse ponto que a teoria da interseccionalidade, conforme proposta por autoras como Kimberlé Crenshaw e Joan Scott, torna-se uma ferramenta indispensável para a análise das relações entre gênero, classe, casta, raça e colonialismo na Índia colonizada.

Este ensaio busca analisar a representação da mulher indiana a partir da personagem Bimala, no romance *A Casa e o Mundo* (Ghare Baire) de Rabindranath Tagore, publicado em 1916. A obra, ambientada em meio ao fervor nacionalista do movimento Swadeshi, apresenta uma protagonista envolta em dilemas morais, emocionais e políticos, transitando entre o espaço privado/doméstico e o espaço público/político. Ao observar a trajetória de Bimala, é possível compreender como o processo de emancipação feminina se dá de maneira entrelaçada aos discursos nacionalistas, religiosos e afetivos da sociedade indiana daquele período.

A escolha da obra de Tagore se justifica por seu valor literário, histórico e político. Tagore, como pensador humanista e ativista cultural, foi uma das vozes mais influentes na crítica ao colonialismo europeu e às estruturas patriarcais que se solidificaram tanto sob a tradição indiana quanto sob o domínio britânico. Sua literatura permite enxergar as contradições da sociedade bengali de sua época e oferece uma visão crítica das transformações pelas quais o país passava, além disso, Tagore foi o primeiro asiático a receber o Prêmio Nobel de Literatura (1913), o que evidencia a importância e o alcance de sua obra.

Como analisa Banerjee (2021), Bimala pode ser compreendida como uma figura de transição entre o espaço tradicional do lar e o espaço político da nação em transformação. A autora ressalta que a personagem incorpora os dilemas da mulher bengali moderna, confrontada com impulsos de autonomia afetiva e nacionalista, essa tensão, que se expressa tanto no campo simbólico quanto nas escolhas subjetivas da personagem, revela uma tentativa de romper com o purdah não apenas físico, mas também intelectual e existencial. Nesse sentido, o Dossiê 45 (2021), produzido pelo Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, reforça que a condição da mulher indiana sempre esteve situada na intersecção entre dominação colonial e patriarcado local.

A luta por direitos e emancipação passa, portanto, pela compreensão dessas estruturas combinadas de opressão. Complementando esse panorama, o Portal Fidelizarte (2023) destaca a importância do romance *A Casa e o Mundo* como obra-chave para o entendimento das tensões entre tradição e modernidade, revelando como Tagore utiliza a ficção para refletir sobre os papéis sociais impostos às mulheres e suas possibilidades de ruptura.

O objetivo central deste trabalho é compreender como a personagem Bimala encarna os dilemas da mulher indiana no contexto colonial, sendo atravessada por ideais conflitantes de tradição e modernidade, busca-se evidenciar como o romance projeta uma crítica à reclusão da mulher ao espaço doméstico e como Bimala, ao romper esse limite, se transforma em símbolo de resistência e transformação, ainda que permeada por contradições. A metodologia utilizada para a realização deste estudo foi a análise bibliográfica com enfoque qualitativo, a leitura crítica da obra literária foi complementada com referenciais teóricos da história, dos estudos culturais e da crítica pós-colonial, especialmente autores como Edward Said (1993), Joan Scott (1995), Natanael de Freitas Silva (2015), entre outros. A partir dessa base, foram analisadas as representações discursivas da mulher, o papel do nacionalismo e o atravessamento das figuras míticas como Sita, Durga e Kali na construção da identidade feminina na obra.

Os resultados apontam que a personagem Bimala protagoniza uma ruptura com o ideal de feminilidade passiva e obediente, ao passo que se envolve em questões políticas e sociais, demonstrando agency, ou seja, capacidade de ação e escolha, em um contexto que historicamente lhe foi negado. Essa transformação da personagem, do recato à insurgência, não se dá de forma linear ou sem consequências, ao contrário, Bimala representa a tensão entre desejo e dever, entre paixão e lealdade, entre identidade individual e coletiva. Sua jornada reflete os conflitos de uma mulher dividida entre os limites do purdah (a reclusão feminina) e os apelos de um movimento nacionalista carregado de significados ambíguos.

Conclui-se que *A Casa e o Mundo* não apenas narra uma história de amor e política, mas expõe as engrenagens simbólicas e materiais que sustentam a dominação de gênero e o poder colonial. A trajetória de Bimala, embora ficcional, representa vozes reais silenciadas ao longo da história indiana. A partir da teoria da interseccionalidade, torna-se possível perceber que a opressão vivida por mulheres como Bimala não pode ser compreendida de forma isolada, pois é produto de múltiplos e simultâneos sistemas de dominação. Dessa forma, o ensaio propõe uma reflexão sobre os desafios da emancipação feminina em contextos de dominação colonial, cujos ecos ainda ressoam nas sociedades pós-coloniais contemporâneas.

ANALISANDO AS QUESTÕES DE GÊNERO NA ÍNDIA

A Índia colonial era uma sociedade profundamente estratificada, onde as hierarquias de gênero e classe eram reforçadas tanto pelas normas culturais quanto por políticas coloniais. Quando se trata de gênero, Joan Scott (1995) o define como um marcador social, que agrupa fatores importantes como classe e a raça.

A minha definição de gênero tem duas partes de diversos subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (Scott, 1995, p. 86)

No entanto, é importante levar em consideração que as mulheres indianas não eram um grupo homogêneo, suas experiências variavam amplamente de acordo com uma série de fatores: incluindo classe social, a casta, religião e localização geográfica, constituindo-se uma verdadeira gama de intersecções. As mulheres das classes privilegiadas, muitas vezes desfrutavam certos privilégios e acesso à educação e recursos, as mulheres das classes mais baixas enfrentavam uma opressão ainda mais severa e limitações significativas em suas vidas. Com as políticas imperialistas britânicas presentes no cotidiano do povo, a opressão ganha um novo traço: o ocidental europeu.

Sob o alvo do ocidental europeu, dando ênfase ao britânico, estavam as mulheres indianas, sujeitas emudecidas pelo imperialismo cultural, que já vinham carregando marcas profundas de uma sociedade majoritariamente machista e patriarcal onde o simples fato de ser mulher significava ser vista como inferior. Instruídas na medida do possível com o intuito único de suprir as necessidades do lar, do marido, dos filhos(as) - características essas que podem ser percebidas em algumas poesias e obras que datam desde o século XIII - e que estão presentes na sociedade moderna indiana, no cotidiano, nas músicas, filmes e a literatura. (BANERJEE, 2021)

A sociedade indiana do século XIX era profundamente hierárquica e estratificada, com papéis de gênero rigidamente definidos. A masculinidade estava intrinsecamente ligada ao poder e a autoridade, o homem indiano se constituía enquanto chefe do universo doméstico como também da vida social pública. O patriarcado, era uma característica proeminente da estrutura social, com o homem assumindo o papel de provedor e protetor da família. Sobre as dinâmicas de poder, Michel Foucault em *Microfísica do poder* (1979) argumenta.

Trata-se (...) de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam (...). (Foucault, 1979:182)

No entanto, o impacto do colonialismo britânico redefiniu as noções de poder e masculinidade com a introdução de ideais ocidentais, como por exemplo, a noção de um homem "civilizado" e "racional". É importante ressaltar que: a posição era definida não apenas em relação à família imediata, mas também dentro de uma estrutura mais ampla de casta e comunidade. No entanto, essa autoridade masculina não era homogênea; ela variava de acordo com a casta, classe e região, criando uma complexidade adicional na análise de gênero na Índia.

Sobre a masculinidade, Natanael de Freitas Silva em *Historicizando as masculinidades* (2015) disserta.

Deste modo, evidenciavam-se os privilégios socioculturais da masculinidade. Cabe esclarecer que compondo as masculinidades como um conjunto de experiências históricas que contribui e se constitui na formação dos sujeitos; estas experiências moldam, transformam e formam as percepções sobre a realidade e indicam como cada um se posiciona frente à vida. É nesse sentido que entendo e proponho uma reflexão que desloca o olhar das naturalizações e cristalizações que compreendem a masculinidade como sinônimo de violência, força, dominação, virilidade e potência sexual, por exemplo. (SILVA, 2015, p.9)

Antes da independência da Índia, o movimento feminista experimentou um desenvolvimento multifacetado, caracterizado por três fases distintas que compreendem o recorte de 1850 até 1975. A primeira fase, que transcorreu entre 1850 e 1915, representa um marco inicial na evolução do movimento das mulheres, manifestando-se primordialmente como um movimento de reforma social.

Nesse contexto, as mulheres indianas desempenharam um papel significativo em diversas lutas de cunho nacionalista e anticolonialista assumindo uma posição ativa na mobilização em prol da causa. É notável que a participação feminina tenha se integrado organicamente ao panorama do nacionalismo emergente, evidenciando-se como uma extensão natural do mesmo. Com isso, entende-se que houve um grande empenho na resistência cultural que englobou a política e o social com o objetivo comum: a autodeterminação e da independência nacional.

MULHER NA ÍNDIA ATRAVÉS DOS OLHOS DE BIMALA

Retomando a obra de Tagore "A Casa e o Mundo" (Ghare-Baire), destaca-se Bimala, a protagonista do romance, uma personagem multifacetada que representa não apenas um símbolo da luta pela libertação da mulher bengali, mas também uma representação simbólica das mulheres indianas de sua época. O romance explora a luta de Bimala entre o movimento Swadeshi (1903-1947) em ascensão e os excessos políticos, bem como seu triângulo amoroso entre Nikhil, seu marido, e Sandip. Ela é vista como uma mulher em conflito, com atitudes, sentimentos e pensamentos paradoxais, e sua jornada ao longo do romance reflete a transformação de uma mulher tradicionalmente confinada em purdah (em Hindi: पुर्दा “cortina”), para uma figura simbólica de força feminina e nacionalismo.

O purdah ou pardaa, é definido como uma “cortina” que separa o mundo do homem e o da mulher, na questão física, prática que existe sobre várias formas no mundo islâmico e entre as mulheres hindus em algumas partes da Índia. Bimala passava grande parte de seu tempo recolhida em seus deveres domésticos, juntamente a outras mulheres que também protagonizavam a trama,

até que ela se depara com as ideias e influências externas, atraída pelo nacionalismo fervoroso e pela ideologia revolucionária representada pelo personagem Sandip, encontro que desencadeia uma transformação em Bimala, levando-a a questionar não apenas seu papel como mulher, mas também suas lealdades e identidade. Sua transformação gradual para uma figura ativa no movimento Swadeshi representa também a transição da tradição para a modernidade na Índia.

A obra também toca em questões de sexualidade e desejo. Um exemplo perfeito é a atração de Bimala por Sandip, que representa não apenas uma atração física, mas também uma busca pela liberdade emocional e expressão pessoal. Essa dimensão da história destaca as tensões em grande parte da narrativa e os tabus em torno da sexualidade feminina na sociedade indiana da época que perduram até a atualidade.

Através da personagem, Tagore também evoca as imagens da deusa hindu Durga e Kali, representando a força feminina e a dualidade entre criação e a destruição. Perante as figuras mitológicas hindus, pode-se analisar similaridades entre Bimala e a figura mitológica de Sita (consorte de Rama, avatar do deus Vishnu), ambas retratadas como mulheres que desafiam as normas tradicionais e procuram a independência. Tanto Sita quanto Bimala batem de frente com dilemas morais e emocionais, e são confrontadas com escolhas difíceis entre diferentes ideais e figuras masculinas em suas vidas. Além disso, ambas as personagens são simbolicamente associadas à representação da feminilidade divina.

No entanto, existem diferenças significativas entre as duas. Sita é retratada no épico sânscrito Ramayana como uma figura mais tradicional e passiva, Bimala é apresentada como uma mulher que se emancipa e infringe as normas tradicionais. Ela é apresentada como um símbolo da luta pela liberdade das mulheres bengalis, bem como da própria Bengala. Além disso, as circunstâncias e os desafios enfrentados por cada uma delas são distintos, refletindo as diferenças entre a mitologia e a realidade contemporânea.

Outro exemplo de personagem feminina que Tagore traz é Damini, em Çacaturanga (1916). Damini é uma viúva, ela desafia os códigos de viudez e patriarcado ao recusar a obediência esperada de uma mulher viúva e ao se casar com Sribilas. Sua marginalidade como viúva se transforma em um local de resistência, pois ela se recusa a seguir os códigos rígidos da viudez, ri abertamente, se veste como deseja e desafia as expectativas de comportamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de A Casa e o Mundo, Tagore oferece uma narrativa que articula feminismo, nacionalismo e crítica colonial. Bimala não é apenas uma personagem; ela é um reflexo das

indianas que resistem às estruturas de opressão impostas tanto pela tradição quanto pelo império britânico.

Este trabalho buscou contribuir com a compreensão da mulher indiana colonial através da literatura, propondo um olhar que integra cultura, política e subjetividade. Os debates apresentados apontam para a importância de aprofundar os estudos que cruzam literatura e gênero no contexto pós-colonial. Recomenda-se a continuidade da pesquisa, explorando outras obras de Rabindranath Tagore e autoras indianas contemporâneas, a fim de ampliar o escopo das análises sobre as mulheres no sul global e suas múltiplas formas de resistência.

REFERÊNCIAS

ADMIN. **Dossiê 45: Mulheres indianas e o árduo caminho para a igualdade**. 11 de out. 2021. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/dossie-45-movimento-mulheres-india/>. Acesso em: 26 mar. 2024.

BANERJEE, Ayanita. **Bimala in Ghare-Baire: Tagore's new woman relocating the world in her home**. *Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities*, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 1–10, 26 out. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21659/rupkatha.v13n3.37>. Acesso em: 26 mar. 2024.

FIDELIZARTE. **A Casa e o Mundo por Rabindranath Tagore**. 2023. Disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/livros.php?livro=11294>. Acesso em: 26 mar. 2024.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, [s.d.]. Edição do Kindle.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 18 abr. 2024.

SILVA, Natanael de Freitas. **Historicizando as masculinidades: considerações e apontamentos à luz de Richard Miskolci e Albuquerque Júnior**. *História, Histórias*, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 7–22, 2015. DOI: 10.26512/hh.v3i5.10826. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10826>. Acesso em: 21 maio 2024.

TAGORE, Rabindranath. *A Casa e o Mundo*. São Paulo: Lebooks Editora, 2021.

